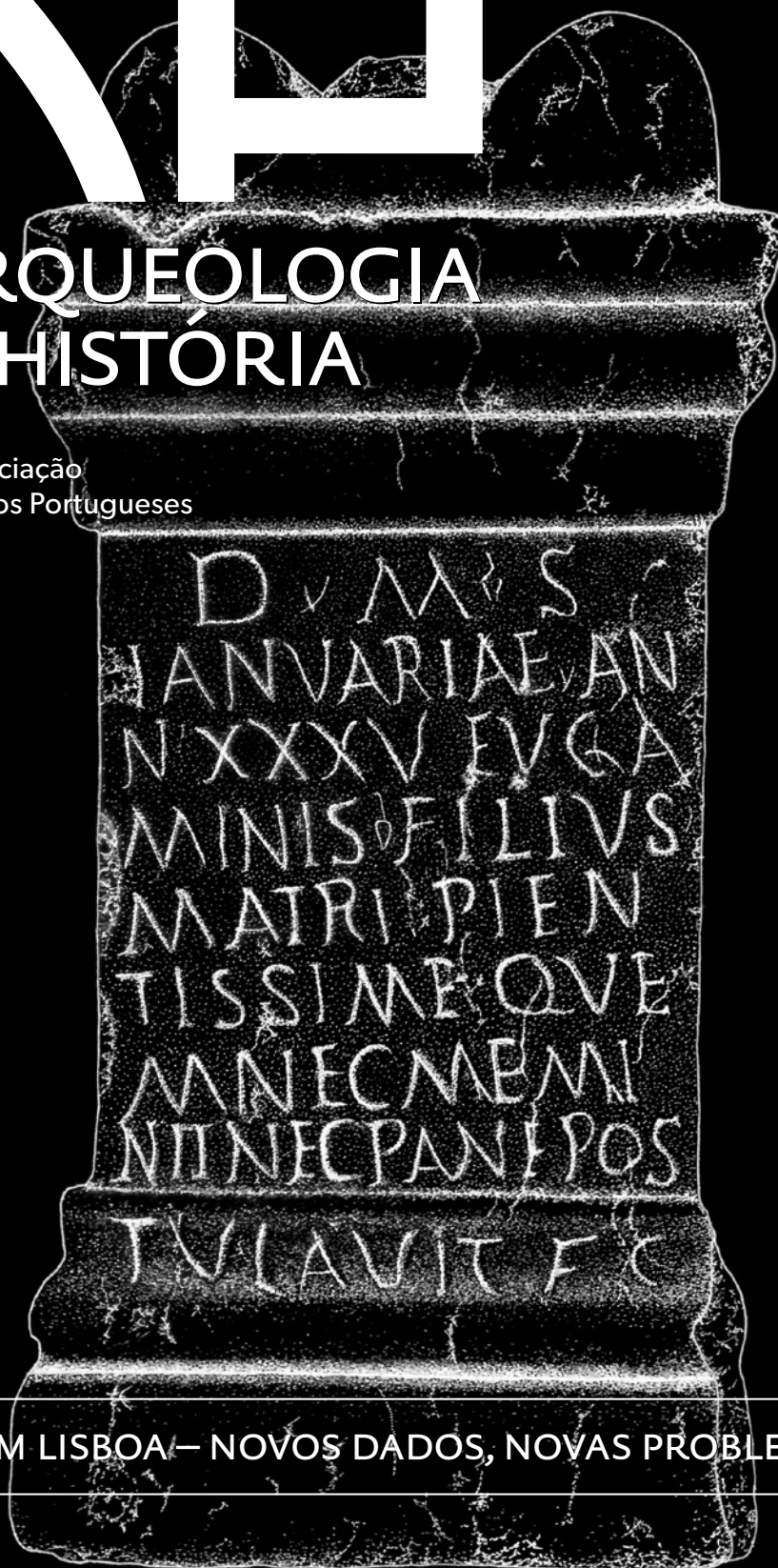


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Notas sobre a campanha de escavação de 2019*

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

DO VICENTE AO VENCIMENTO, UM MOSTEIRO E UM CONVENTO. DOIS CONTRIBUTOS PARA A DIVULGAÇÃO DE DADOS HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICOS

Carlos Boavida

Instituto de Arqueologia e Paleociências – FCSH/UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses / cmpboavida@gmail.com

Resumo

Desde de 2012 que a *Lisboa Autêntica* organiza regularmente visitas ao Museu Arqueológico do Carmo e ao Mosteiro de São Vicente de Fora. Ao longo do percurso, orientado por um arqueólogo, além de ser abordada a História daqueles dois edifícios emblemáticos da cidade de Lisboa, é dado especial destaque ao acervo arqueológico exposto, assim como às escavações arqueológicas que ali tiveram lugar, contribuindo assim para a sua divulgação.

Fernando E. Rodrigues Ferreira foi o responsável pelas escavações ocorridas no Mosteiro de São Vicente de Fora, assim como da organização da exposição de Arqueologia que se encontra actualmente exposta no local. Dirigiu igualmente duas escavações no espaço da antiga Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, actual Museu Arqueológico do Carmo, uma no seu interior e outra no exterior (corredor do Carmo).

Palavras-chave: Museu Arqueológico do Carmo, Mosteiro de São Vicente de Fora, Arqueologia, Visitas.

Abstract

Since 2012, *Lisboa Autêntica* regularly organizes visits to Carmo Archaeological Museum and to São Vicente de Fora Monastery. In addition to the history of those buildings, throughout the visit, conducted by an archaeologist, special attention is given to the archaeological collections of those museums, as well as to the archaeological diggings that took place there.

Fernando E. Rodrigues Ferreira was responsible for the archaeological work in the Monastery and commissioned the exhibition of the finds. He also did two excavations at the Carmo Archaeological Museum (inside and outside of the museum).

Keywords: Carmo Archaeological Museum, São Vicente de Fora Monastery, Archaeology, Tours.

1. INTRODUÇÃO

A *Lisboa Autêntica* é uma empresa de animação turística, criada em 2011, com o objectivo de desenvolver percursos pedestres temáticos no Centro Histórico de Lisboa. Ao longo daqueles são abordados os mais diversos aspectos da sua História, desde a *Lisboa Moura* à *Lisboa Operária*, da *Lisboa Aristocrática* à *Lisboa das Artes e Ofícios*, passando pela *Lisboa Gastronómica* e pela *Lisboa Vínica*.

Em Abril de 2012, com a colaboração de um arqueólogo, foram organizadas visitas a espaços museológicos, onde se encontra exposto variado património

arqueológico relacionado com a História e evolução da cidade. Deste modo tem-se vindo a contribuir para a divulgação dos mesmos, recorrendo igualmente à bibliografia existente sobre aqueles, mas que continua a ser pouco conhecida do público.

Estas visitas foram designadas como *Lisboa Arqueológica*, tendo até ao momento tido lugar em três locais – Museu Arqueológico do Carmo, Museu Geológico e Mineiro e Mosteiro de São Vicente de Fora, respectivamente *Lisboa Arqueológica I, II e III*.

Estando estes museus instalados em importantes edifícios históricos, a visita inclui também dados sobre aqueles e a sua importância na História da cidade.



Figura 1 – Cartazes de divulgação das visitas da *Lisboa Autêntica* – Lisboa Arqueológica I, II e III. Grafismo de Sara Domingos.

Em Novembro daquele ano foi criado o primeiro percurso em que, com base nos achados arqueológicos ocorridos nos últimos anos, se pretende dar a conhecer como era a Lisboa antes do Terramoto de 1755, destacando os principais espaços e edifícios da cidade. O percurso *Lisboa do Terramoto* teve também como objectivo assinalar aquela efeméride.

Em Junho de 2015, coincidindo com os 240 anos da inauguração da estátua equestre do rei D. José I, principiou um novo percurso arqueológico, no qual se deu especial destaque aos achados ocorridos na Frente Ribeirinha, que se intitulou *Lisboa Ribeirinha I – Do Cais do Sodré ao Chafariz d'el Rei*. Por sua vez, em Setembro, teve lugar *Lisboa Ribeirinha II – Da Torre de São Vicente ao Palácio de Belém*, onde se dá relevân-

cia às descobertas arqueológicas que tiveram lugar na zona de Belém.

Tal como nas visitas aos espaços museológicos, também nestes percursos as informações transmitidas não são exclusivamente relacionadas com dados arqueológicos, visto tratarem-se de zonas de enorme importância histórica.

As visitas/percursos tem-se repetido com alguma regularidade, notando-se uma maior procura no momento em que são uma novidade. O percurso com maior sucesso desde da sua criação é o *Lisboa do Terramoto*.

Não é possível falar sobre Arqueologia no Mosteiro de São Vicente de Fora, ou na Igreja do Carmo, sem mencionar os trabalhos arqueológicos dirigidos por Fernando E. Rodrigues Ferreira naqueles dois espa-



Figura 2 – Cartazes de divulgação das visitas da *Lisboa Autêntica* – Lisboa do Terramoto e Lisboa Ribeirinha I e II. Grafismo de Sara Domingos.

ços, nomeadamente no primeiro daqueles, onde os mesmos tiveram lugar ao longo de várias décadas.

No artigo que se segue, além de elencar de que modo foram pensados os percursos criados nos dois espaços museológicos em análise, assim como alguma bibliografia existente sobre os mesmos, farei referência a como os conheci, como conheci Rodrigues Ferreira e como sem saber (ou não) ele próprio acabou por ser quase co-responsável pela criação de um desses percursos.

2. DE COMO CONHECI RODRIGUES FERREIRA E OS ESPAÇOS QUE ELE ESCAVOU

Ouvi falar, pela primeira vez sobre as escavações ocorridas em São Vicente de Fora em finais de 1998, através do meu professor de História do Ensino Secundário, João Castela Cravo, que àquela data havia já participado nas mesmas. Pouco tempo depois, numa actividade do então Grupo Cultural e Desportivo do Pessoal do Crédito Predial Português (GCDPCPP), participei em visita ao mosteiro, que teve lugar na companhia de Jorge Gradão, colaborador de Rodrigues Ferreira, não só nos trabalhos ocorridos em São Vicente de Fora, mas também noutros locais.

Pela mesma altura, também através do GCDPCPP conheci pela primeira vez o Museu Arqueológico do Carmo, em visita guiada pelo seu director, José Morais Arnaud, e pela então conservadora do museu, Carla Varela Fernandes. Viria a estar no museu, por mais duas vezes, em visitas de estudo realizadas no âmbito da licenciatura, antes de me tornar frequentador habitual em finais de 2005.

Durante a realização da tese de mestrado, em busca de paralelos para alguns dos pequenos objectos que estava a analisar, comecei a consultar os vários artigos publicados sobre aqueles dois espaços museológicos. A maioria daqueles eram (e continuam a ser) da autoria de Rodrigues Ferreira, que só vim a conhecer em Novembro de 2008, quando estive na FCSH/UNL a proferir uma conferência integrada no *IV Curso Livre – Arqueologia do Meio Rural* sobre os achados que havia feito na área do Regolfo do Alqueva.

Embora, entretanto, tenha voltado a estar no Mosteiro de São Vicente de Fora por diversas vezes, foi só em Fevereiro de 2011, no âmbito de uma concorrida iniciativa organizada pelo Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa – *Um chá no Mosteiro / Deambulações Arqueológicas* – que reencontrei Rodrigues Ferreira, que orientou visita sobre a arqueologia dos espaços de São Vicente, dando-nos conta dos diversos achados e

acontecimentos da História daquele local. No final da visita, falei pessoalmente com ele para tirar algumas dúvidas sobre o espólio arqueológico presente na exposição permanente do museu, tendo-me fornecido algumas indicações bibliográficas sobre o mesmo.



Figura 3 – Folheto de divulgação do IV Curso Livre Arqueologia do Meio Rural (FCSH/UNL, 2008); Cartaz de divulgação da visita Um chá no Mosteiro – Deambulações Arqueológicas (Centro Cultural do Patriarcado, 2011).

Entretanto, no final de Fevereiro de 2012 encerrou a *Livraria Portugal*, tendo Rodrigues Ferreira sido um dos muitos que naqueles últimos dias passou pela histórica livraria da capital. Uma das responsáveis da *Lisboa Autêntica* também lá esteve, e onde, por mero acaso, sem se conhecerem, trocaram algumas palavras, tendo aquela referido os passeios pedestres que a empresa realizava. Rodrigues Ferreira, face à importância histórica e acervo, mencionou que o Mosteiro de São Vicente de Fora era um espaço interessante onde tais visitas poderiam ter lugar.

Em finais de Abril, no Museu Arqueológico do Carmo, no âmbito de uma reunião da Comissão de Estudos Olisiponenses, Fernando Ferreira deu uma conferência sobre os trabalhos desenvolvidos na cerca do mosteiro de São Vicente de Fora, onde foram construídos novos edifícios do Liceu Gil Vicente. No fim da reunião, na companhia de outros colegas que assistiram à conferência, enquanto circulava pelo museu, foi contando diversas histórias sobre as escavações que ali tinha dirigido.

Naquela altura, a primeira edição do passeio *Lisboa Arqueológica I* já tinha ocorrido, mas encontrava-se em preparação o *Lisboa Arqueológica III*, tendo entrado em contacto com Rodrigues Ferreira para o convidar, caso estivesse disponível, a acompanhar a

visita. Cordialmente declinou o convite por achar redundante uma visita de âmbito arqueológico acompanhada por mais do que um arqueólogo. Na tarde em que as visitas se iniciaram, lá estava ele à entrada do Núcleo Museológico de São Vicente de Fora, aguardando a sua equipa para mais algumas horas de trabalhos arqueológicos.

3. LISBOA ARQUEOLÓGICA I – MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

Parece-nos que não faz sentido discorrer aqui sobre a história deste espaço tratada por diversos investigadores (Pereira, 1989; 1993; Pereira, 2016), embora os dados mais relevantes sejam transmitidos na parte introdutória da visita.

No entanto, uma vez que este museu pode ser considerado uma verdadeira caixa de memórias de

uma cidade já desaparecida, o percurso segue pela história de como foram aqui reunidas esculturas, arcos tumulares e múltiplos elementos arquitectónicos, assim como pedras de armas, provenientes de distintos edifícios de Lisboa (e também de outras cidades) que por diversas vicissitudes foram alterados, ou até mesmo demolidos, não reunindo condições para preservar aqueles elementos. Entre estes destacam-se uma janela geminada, manuelina, proveniente do Mosteiro dos Jerónimos; fogaréus barrocos da Basílica da Estrela; um túmulo manuelino vindo do Convento de São Francisco (Santarém); um frontal de altar decorado com embrenhados do antigo Mosteiro de Santo Elói; o cruzeiro do desaparecido Hospital de São Lázaro; o tímpano do portal do igualmente desaparecido Convento das Francesinhas ou a estátua de São João Nepumoceno, apeada da Ponte de Alcântara. Através das pequenas histórias destes, entre outros, contam-



Figura 4 – Diversos aspectos da Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo / Museu Arqueológico do Carmo. Vistas gerais do edifício (A. António de Holanda, 1505; C. Guilherme Debrie, 1765; D. Carlos Loureiro, 2005), B. «D. Nuno Álvares Pereira» (Charles Legrand, 1841); E. «Joaquim Possidónio da Silva» (António Félix da Costa, séc. XIX); Algumas imagens do interior durante o século XX (F/G/H/I). Imagens e fotos Câmara Municipal de Cascais (A), Wikipédia (B), Pinterest (C), Museu da Cidade/ Museu de Lisboa (D), Associação dos Arqueólogos Portugueses (E/G), Arquivo Municipal de Lisboa (F), Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – DGEMN/DGPC (H/I).

-se episódios da história dos seus locais de origem, do seu tempo e de quem os encomendou.

Na parte coberta do museu a coleção de tumulária é absolutamente incontornável, permitindo dar a conhecer diversas personagens, as quais o tempo apagou da memória da maioria, como Frei Gil de Santarém, D. João Esteves de Azambuja ou Frei Gonçalo de Sousa. As estátuas jacentes permitem igualmente fazer referências em relação às crenças religiosas, o vestuário ou simplesmente o modo como

aquelas pessoas se quiseram fazer representar para os vindouros.

Nesta coleção, pela diversidade de elementos decorativos, não pode deixar de ser feita menção ao túmulo do rei D. Fernando, inicialmente no coro-baixo do Convento de São Francisco (Santarém). Na mesma sala está igualmente presente busto que é interpretado como representando D. Afonso Henriques, vindo também ele de Santarém, mas da zona da alcáçova, da desaparecida ermida de São Miguel.



Figura 5 – Alguns dos elementos arquitectónicos e escultóricos da coleção do Museu Arqueológico do Carmo. A. Túmulo de D. Maria Ana de Áustria; B. «D. Maria Ana de Áustria» (Pompeo Girolamo Batoni, 1.ª metade do séc. XVIII); C. Túmulo D. Fernando; D. Fachada do Convento de São Francisco – Santarém; E. Estátua de São João Nepomuceno; F. «Ponte d'Alcântara» (Nogueira da Silva, 1862); G. Convento do Santíssimo Crucifixo (Joshua Benoliel, 1910); H. Tímpano do portal do Convento do Santo Crucifixo; I. «Vista geral do novo edifício da Casa Pia antes da catástrofe do dia 18 de dezembro de 1878» (Alberto, 1879); J. Janela do Mosteiro dos Jerónimos; K. Brasão da cidade de Vila Real; L. Empresa de D. Pedro de Menezes; M. «Convento de São Francisco da Cidade – Lisboa» (Carlos Loureiro, 2005); N. Pormenor de tímpano de portal com armas da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém. Fotos do autor, 2015 (A/C/D/E/H/J/L/N), Palácio Nacional da Ajuda (B), Archivo Pittoresco (F), Arquivo Municipal de Lisboa (G), O Occidente (I); Wikipédia (K), Museu da Cidade/Museu de Lisboa (M).

Seguindo viagem, passando pela biblioteca histórica da AAP, contam-se histórias sobre associação e o museu e quais os princípios que estiveram na sua criação (Rodrigues, 2000; Martins, 2001), enquanto se observam múmias peruanas, um sarcófago ptolemaico e um interessante conjunto de azulejos se-

tecentistas proveniente do Convento de São Félix de Chelas.

É na capela seguinte que são finalmente relatados os achados arqueológicos ocorridos no espaço do museu e como decorreram os trabalhos e o que levou à sua realização (Ferreira, 1999, 2002a; Ferreira

& Neves, 2005). Numa das vitrinas estão alguns dos artefactos encontrados, pretexto para novos apontamentos sobre a vida quotidiana no período pré-Terramoto, data da destruição da igreja.

Os trabalhos permitiram a identificação de diversos elementos que até àquela data eram apenas conhecidos por alguma documentação escrita, nomeadamente a crónica da ordem carmelita, como sejam os jazi-

gos existentes nas capelas. No interior daqueles foram exumadas os restos ósseos de diferentes indivíduos, alguns dos quais foi possível avançar com a hipótese de quem seriam (Cunha, Ferreira & Neves, 2000). Foi ainda recolhido variado espólio associado às inumações, destacando-se entre aquele fivelas, medalhas, contas de rosário e/ou terço e prótese anatómica de um dedo polegar (Ferreira & Neves, 2005).



Figura 6 – Diferentes aspectos dos trabalhos arqueológicos ocorridos no Museu Arqueológico do Carmo e Lápide sepulcral do Cardeal D. João da Mota e Silva. Fotos de F. E. Rodrigues Ferreira, 2005 (A/B/C/E/F/G) e do autor, 2015 (D).

Estes não foram os primeiros trabalhos de arqueologia no interior do edifício, pois nos anos 80 tinha ocorrido a escavação de um jazigo existente na segunda capela do lado da epístola. Os resultados dessa intervenção foram publicados na revista *Arqueologia & História* (Neto, Serrão & Santana, 1993; Lopes & Neto, 1999), tal como o estudo dos restos ósseos exumados, os quais permitiram a identificação de um possível caso de sífilis (Lopes & Cardoso, 2000; Codinha, 2002).

A visita continua pelas duas salas dedicadas à Arqueologia, primeiro sobre os diversos elementos escultóricos e arquitectónicos de cronologias que vão desde a Época Romana até à Alta Idade Média, onde se destacam as pilastras provenientes da Casa dos Bicos e de São Félix de Chelas, assim como o chama-

do sarcófago das Musas, encontrado em Alvaiázere e recolhido no Mosteiro de Alcobaça no século XVI.

O percurso termina na sala dedicada à Pré e Proto-História, onde predominam os artefactos provenientes de vários povoados da área da península de Lisboa, com especial ênfase em Vila Nova de São Pedro e a impressionante diversidade das suas colecções.

Sempre que possível, a parte exterior, Corredor e Terraços do Carmo, são também abordados, visto que foram alvo de relevantes trabalhos arqueológicos, no âmbito dos quais se destacam a escadaria que descia até Valverde (Ferreira & Neves, 2002) e as fundações da Capela do Santo Cristo Cativo (Marques & Bastos, 2013), além da importante colecção de grafitos e marcas de cantaria.



Figura 7 – Diversos aspectos das Salas 2 e 5 do Museu Arqueológico do Carmo. Fotos do autor, 2015.



Figura 8 – Diversos aspectos da Sala 1 do Museu Arqueológico do Carmo. Fotos do autor, 2015.



Figura 9 – Diversos aspectos dos recentes trabalhos arqueológicos nos Terraços do Carmo, Pátio B e Corredor do Carmo. Fotos Neo-épica (A/B/C/D/E), Marques & Santos, 2013 (F/G).

4. LISBOA ARQUEOLÓGICA III – MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA

Uma vez mais, estamos perante um edifício com uma extensa história para contar e que já foi abordada por inúmeros autores (Segurado, 1976; Nascimento & Gomes, 1988; Real, 1995; Soromenho, 1995; Gomes, 2001; Alves, 2008; Picoito, 2008; Saldanha, 2010a; Saldanha, 2010b). Uma parte significativa daquela é transmitida na introdução, mas tratando-se de um espaço com tanto para contar, as informações são partilhadas ao longo do percurso. (Figura 10)

A questão arqueológica surge logo ao visitar as primeiras salas, assim como a escadaria de acesso à parte museológica, pois foi no âmbito da construção desta que se identificaram os vestígios de um pequeno claustro e respectiva cisterna construídos durante o reinado de D. João III (Ferreira, 2010). Ali, bem perto, está a cisterna medieval do mosteiro, que remonta à construção afonsina.

Nas várias alas do mosteiro é impossível contor-

nar a importante produção azulejar joanina, pois são poucos os espaços em que estes não se encontram, tornado este edifício um dos que mais azulejos tem a nível mundial.

Na portaria do antigo mosteiro, os painéis historiadados mostram-nos a conquista de Santarém e de Lisboa aos mouros, mas também o retrato dos reis directamente ligados à história do edifício (Arruda, 1995). Numa ala do mosteiro é possível visitar uma interessante exposição sobre a Igreja Olisiponense e os Patriarcas de Lisboa (Rodrigues, s.d.).

Na parte nascente do edifício estão relevantes espaços tumulares, onde se destacam o Panteão dos Bragança e o Panteão dos Patriarcas. Antes desses não pode deixar de ser mencionada a Capela dos Meninos da Palhavã, filhos de D. João V, mas não pelos túmulos daqueles. No subsolo daquele espaço guardam-se diversos potes onde estão o coração e as vísceras de vários reis de Portugal, sendo que, as de D. João VI, após análise, permitiram aferir quais as causas que efectivamente levaram à sua morte (Ferreira, 1995; 2008).

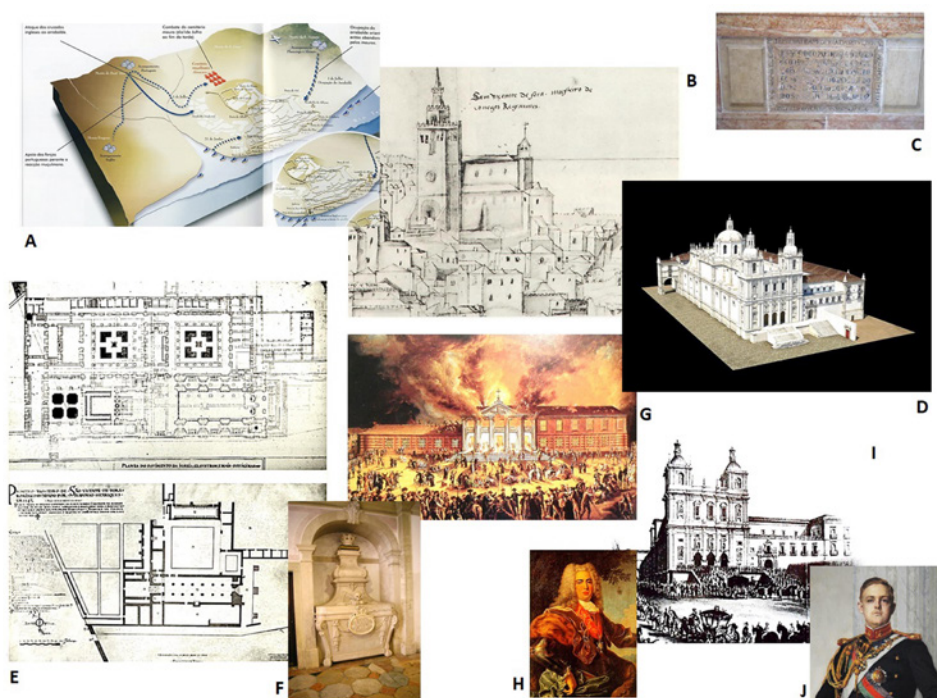


Figura 10 – Diversos aspectos do Mosteiro de São Vicente de Fora. A. A Conquista de Lisboa; B. «Vista de Lisboa» – pormenor (autor desconhecido, c. 1570); C. Lápide do túmulo do cavaleiro Henrique; D. Vista geral do edifício antes do Terramoto de 1755 (Carlos Loureiro, 2005); E. Plantas do Mosteiro (atr. João Nunes Tinoco e Baltazar Álvares, 1590); F. Mausoléu de um dos Meninos da Palhavã; G. «Incêndio da Patriarcal» (Joaquim Manuel da Rocha, 1769); H. «D. João V» (Carlos António Leoni, 1730/32); I. «Chegada a S. Vicente de Fora dos restos mortaes de S. M. F. a Rainha Senhora D. Maria II» (Manuel Maria Bordalo Pinheiro, 1854); J. «Retrato do Príncipe Luiz Filipe» (José Malhoa, 1908). Fotos do autor, 2015 (C/F), Barbosa, 2012 (A); Universidade de Leyden (B), Museu da Cidade (D), Academia Nacional de Belas Artes (E), Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (G), Museu Nacional dos Coches (H); Biblioteca Nacional Digital (I); Museu José Malhoa (J).



Figura 11 – Vistas gerais do interior do Mosteiro de São Vicente de Fora – Igreja, Capela de Santo António, Sacristia, Claustros, Portaria e Panteão Real da Dinastia de Bragança. Fotos do autor, 2015.

Próximo do acesso altar-mor da igreja, assim como no interior da sacristia joanina, os trabalhos arqueológicos permitiram a descoberta de diversas sepulturas e ossários que possibilitaram a análise de dados históricos anteriores ao actual edifício e eventualmente até mesmo anteriores a este (Ferreira, 1983; 1983/1984; 1995; 1998; 2010; Cunha & Ferreira, 1998).

Numa das galerias do piso superior estão expostos inúmeros artefactos encontrados ao decorrer das escavações, não só no interior do mosteiro, mas também na sua cerca, onde entre outros foram encontrados vestígios de fornos de chumbo, silos para guardar cereais e uma parte significativa da muralha fernandina e a botica (Ferreira, 2001; 2002b; 2003; Basso & Neto, 1994). Entre as peças que integram a colecção, além da diversidade de formas cerâmicas e das suas tipologias, destacam-se acima de tudo os objectos não cerâmicos, com especial relevo para os relacionados com

o vestuário, como variadas contas, alfinetes e agulhas (Ferreira, 1983). De grande importância é também a colecção de tecidos recuperados na área da lixeira existentes nas traseiras do mosteiro, onde podem ser observados fragmentos de com padrões bordados, meias de senhora, além de rendas e laços que decoravam vestidos. Alguns destes ainda mostram vestígios da sua cor original.

Em outras alas estão expostos os famosos painéis de azulejo com as fábulas de La Fontaine, retirados no piso inferior no âmbito da reabilitação daquele espaço. Estes painéis, embora apresentem estilo joanino são ligeiramente mais tardios. (Abreu, 1995; Abreu & Câmara, 1995). Através de uma porta existente nesta ala é possível o aceder à escadaria que permite o acesso à cobertura da igreja, um dos mais desconhecidos miradouros da cidade, local onde termina o percurso.

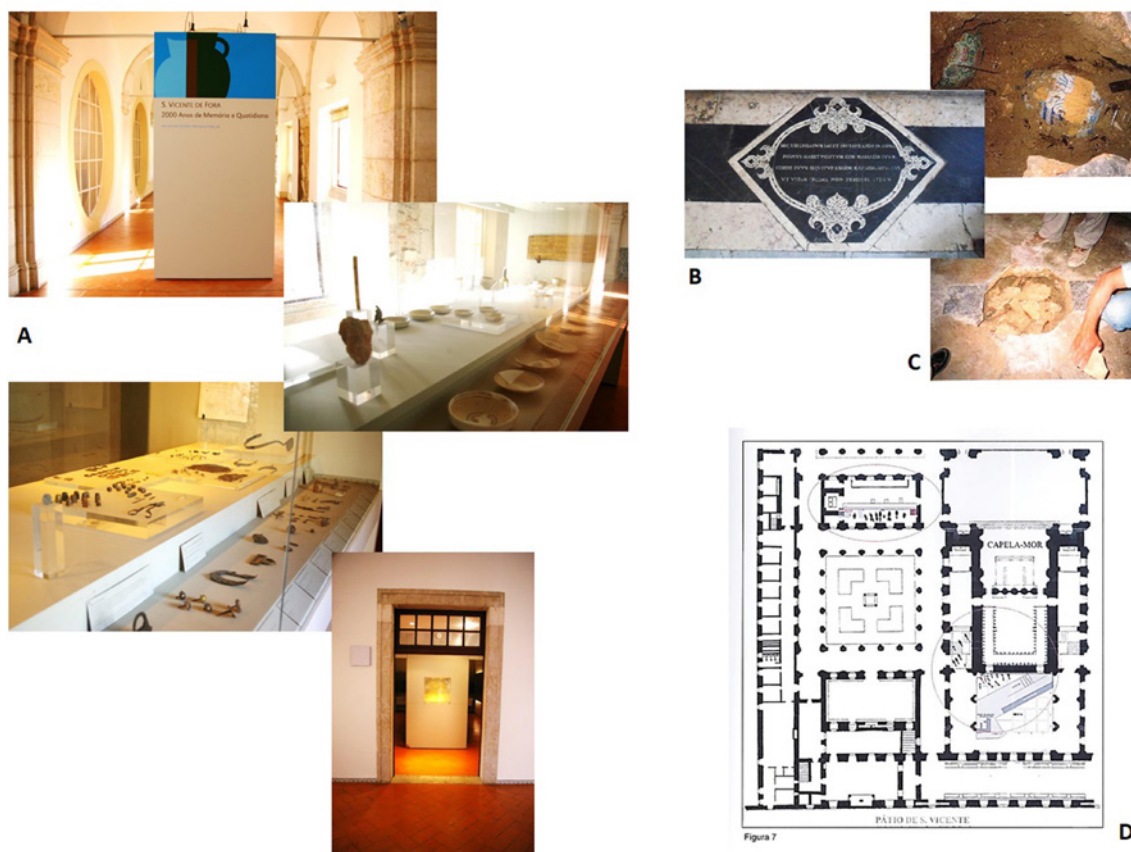


Figura 12 – Alguns aspectos relacionados com os vestígios arqueológicos identificados no Mosteiro de São Vicente de Fora. Exposição «São Vicente de Fora – 2000 Anos de Memória e Quotidiano» (A/B/C/D), laje sobre urna com o coração do Marquês de Marialva (E), intervenção na Capela dos Meninos de Palhavã (F), Planta geral dos achados (G). Fotos do autor, 2015 (A/B), Ferreira, 1995 (C), Ferreira, 2010 (D).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja do Carmo e o Mosteiro de São Vicente de Fora são dois edifícios emblemáticos de Lisboa, mas ao contrário do que seria expectável, poucos são os portugueses que conhecem a sua História, os visitam ou apreciam as colecções que ali se encontram expostas. Tanto uma construção como outra foram mandadas edificar no seguimento de importantes episódios da História da cidade e do país, estando directamente relacionados com o início das duas primeiras dinastias portuguesas – Borgonha e Avis – embora se possam relacionar com as restantes – Filipina e Bragança.

É interessante verificar a forma como estes edifícios se destacam na paisagem da cidade, quase que de modo omnipresente, como se sempre a tivessem integrado. Tal facto deve-se sem sombra de dúvida a várias personalidades que ao longo dos séculos apoiaram obras de melhoramento, arranjos interiores e exteriores, ou até mesmo a sua total ou parcial reconstrução, por necessidade ou em consequência de alguma catástrofe, permitindo assim através deles contar não apenas a sua História, mas também das vivências dos Homens que os frequentaram.

AGRADECIMENTOS

Paulo Antunes, Mafalda Pinto e Sara Domingos. Academia Nacional de Belas Artes, Arquivo Municipal de Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Biblioteca Nacional Digital, Câmara Municipal de Cascais, Centro Cultural do Patriarcado, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa Autêntica, Museu da Cidade/Museu de Lisboa – EGEAC, Museu José Malhoa, Museu Nacional dos Coches, Neoépica, Palácio Nacional da Ajuda, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – DGEMN/DGPC e Universidade de Leyden.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Jorge de Brito e (1995) – “A Intervenção”. *Monumentos*, 2. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 39-44.

ABREU, Jorge de Brito e; CÂMARA, Teresa da (1995) – “A recuperação dos claustros”. *Monumentos*, 2. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 45-46.

ALVES, José da Felicidade (2008) – *O Mosteiro de São Vicente de Fora*; colecção *Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 85 p..

ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (coord.) (2002) – *Museu Arqueológico do Carmo. Roteiro da exposição permanente*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 151 p..

ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (coord.) (2005) – *Construindo a Memória: as colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 639 p..

ARRUDA, Luísa (1995) – “O Retrato azul e branco de D. João V”. *Monumentos*, 2. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 33-38.

BASSO, M. P.; NETO, J. M (1994) – *A Botica de São Vicente de Fora*. Lisboa: Associação Nacional de Farmácias, 59 p..

CODINHA, Sandra (2002) – “Two cases of venereal syphilis from the cemetery of the Igreja do Convento do Carmo”. *Antropologia Portuguesa*, 19. Coimbra: Dep. Antropologia/Universidade de Coimbra, pp. 29-40.

CUNHA, Armando Santinho; FERREIRA, Fernando E. Rodrigues; NEVES, M.^a C. M. (2000) – “A provável sepultura de D. Duarte Brandão”. *Arqueologia e História*, 52. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 53-58.

CUNHA, Armando; FERREIRA, Fernando (1998) – *Vida e morte na época de D. Afonso Henriques*. [S.l.]: Hugin, 141 p..

FERREIRA, Fernando (coord.) (2008) – *Causas da Morte de D. João VI*. Lisboa: Câmara Municipal, 76 p..

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1983) – “Escavação do ossário de São Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa”, *Revista Municipal*, S.II – 4. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 5-36.

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1983/84) – “Mil e cem anos na História do local de S. Vicente de Fora”. *Al-Madan*, S.I. – 2. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 10-13.

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1995) – “O cemitério dos cruzados de São Vicente de Fora”. *Monumentos*, 2. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 8-13.

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1997) – “As «torres» da Igreja do Carmo”. *Olisipo*, S.II – 5. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa (pp. 117-118).

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1998) – “Ensaio para uma leitura económica e social do contexto arqueológico de S. Vicente de Fora”. *Olisipo*, S.II – 6. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 11-37.

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (1999) – “Escavações da igreja do Convento do Carmo. Relatório da escavação”. *Arqueologia e História*, 51. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 73-164.

FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (2001) – “Os silos medievais de S. Vicente de Fora”. *Arqueologia e História*, 53. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 49-66.

- FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (2002b) – “A Cerca Fernandina de Lisboa em S. Vicente de Fora”. *Olisipo*, S.II – 17. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 95-99.
- FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (2002a) – “Escavações arqueológicas na Igreja do Carmo” in Arnaud, J. M.; Fernandes, C. V. (coord) *Museu Arqueológico do Carmo. Roteiro da exposição permanente*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 36-43.
- FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (2003) – “Os fornos para chumbo de S. Vicente de Fora”. *Olisipo*, S.II – 19. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 65-68.
- FERREIRA, Fernando E. Rodrigues (2010) – “S. Vicente de Fora (o espaço, o tempo, o contexto): breve abordagem”. *Olisipo*, S.II – 31. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 17-40.
- FERREIRA, Fernando E. Rodrigues; NEVES, M. C. M. (2002) – “Intervenção arqueológica de emergência no corredor do Carmo”. *Olisipo*, S. II – 17. Lisboa: Grupo dos Amigos de Lisboa, pp. 113-117.
- FERREIRA, Fernando E. Rodrigues; NEVES, M. C. M. (2005) – “Intervenção Arqueológica na Igreja do Convento do Carmo” in Arnaud, J. M., Fernandes, C. V. (coord.) *Construindo a Memória: As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 580-609.
- GOMES, Paulo Varela (2002) – “Ordem abreviada e molduras de faixas na arquitectura italiana, espanhola e portuguesa do Renascimento” in *Actas do V Congresso Luso-Brasileiro de História de Arte*. Faro: Universidade do Algarve.
- LOPES, L. A.; CARDOSO, H. F. V. (2000) – “Possível caso de sífilis em fémur e tibia direitos de um indivíduo proveniente do carneiro da segunda capela da epistola do Convento do Carmo de Lisboa (séculos XVI-XIX?)” in Abreu, M. S.; Alonso Mathias, F.; Badal Garcia, E.; Cunha, E.; Etxeberria, F.; Figueiral, I.; Juan I Tresserres, J.; Rivero, P.; Rubinos Pérez, A. (coord.) *Contributos das ciências e das tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica – Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 9. Porto: ADECAP/UTAD, pp. 459-468.
- LOPES, Luís; NETO, M.ª C. (1999) – Notas sobre alguns aspectos antropológicos dos restos humanos exumados na igreja do antigo Convento do Carmo de Lisboa”. *Arqueologia & História*, 51. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 205-219.
- MARQUES, Ant.ª A. Cunha; BASTOS, M. A. (2013) – “Subsídios arqueológicos para a História do Convento do Carmo (Lisboa)” in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1091-1101.
- MARTINS, Ana Cristina N. (2001) – “A conservação e o restauro dos edifícios religiosos medievais. A Igreja do Carmo em Lisboa (século XIX)”. *Arqueologia & História*, 53. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 143-171.
- NASCIMENTO, A. A.; GOMES, S. A. (1988) – S. Vicente de Lisboa e seus milagres medievais. Lisboa: Edições Didaskalia, 94 p..
- NETO, M.ª C.; LOPES, Luís. (1989) – “Algumas considerações sobre os achados ósseos da 2.ª capela da Epistola da Igreja do Carmo de Lisboa” in *Actas do Colóquio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 149-153.
- NETO, M.ª C.; SERRÃO, Eduardo da Cunha; SANTANA, Francisco (1993) – “Escavações de dois carneiros nas ruínas da Igreja de N.ª Sr.ª do Vencimento do Monte do Carmo”. *Arqueologia & História*, S. 10 – 3. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 223-228.
- PEREIRA, Célia Nunes (2016) – *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- PEREIRA, Paulo (1989) – “A Igreja e Convento do Carmo: Do Gótico ao Revivalismo” in *Actas do Colóquio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 87-112.
- PICOITO, P. (2008) – “A transladação de São Vicente. Consenso e conflito na Lisboa do século XII”. *Medievalista online*, 4. [S.l.]: Instituto de Estudos Medievais – FCSH/UNL (11 p.) Disponível em linha (<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA4/medievalista-picoito.htm>) – consultado em Novembro 2016.
- REAL, Manuel Luís (1995) – “O Convento Românico de São Vicente de Fora”. *Monumentos*, 2. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 14-23.
- RODRIGUES, A. R. (s.d.) – *A Igreja Olisiponenses e os Patriarcas* (roteiro da exposição). Lisboa: Mosteiro de São Vicente de Fora, 33 p..
- RODRIGUES, M. C. (2000) – “O MAC – primeiro museu arqueológico de Lisboa”. *Arqueologia & História*, 52. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 11-20.
- SALDANHA, N. (2010a) – “Transitoriedade e Permanência – a pintura de São Vicente de Fora” in Saldanha, S. C. (coord.) *Mosteiro de São Vicente de Fora. Arte e História*. Lisboa: Centro Cultural do Patriarcado, pp. 157-187.
- SALDANHA, Sandra Costa (coord.) (2010b) – *Mosteiro de São Vicente de Fora. Arte e História*. Lisboa: Centro Cultural do Patriarcado, 320 p..
- SEGURADO, José (1976) – “Da obra filipina de São Vicente de Fora”. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 80 p..
- SOROMENHO, Miguel (1995) – “Do Escorial a São Vicente de Fora”. *Monumentos*, 2. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 24-26.

